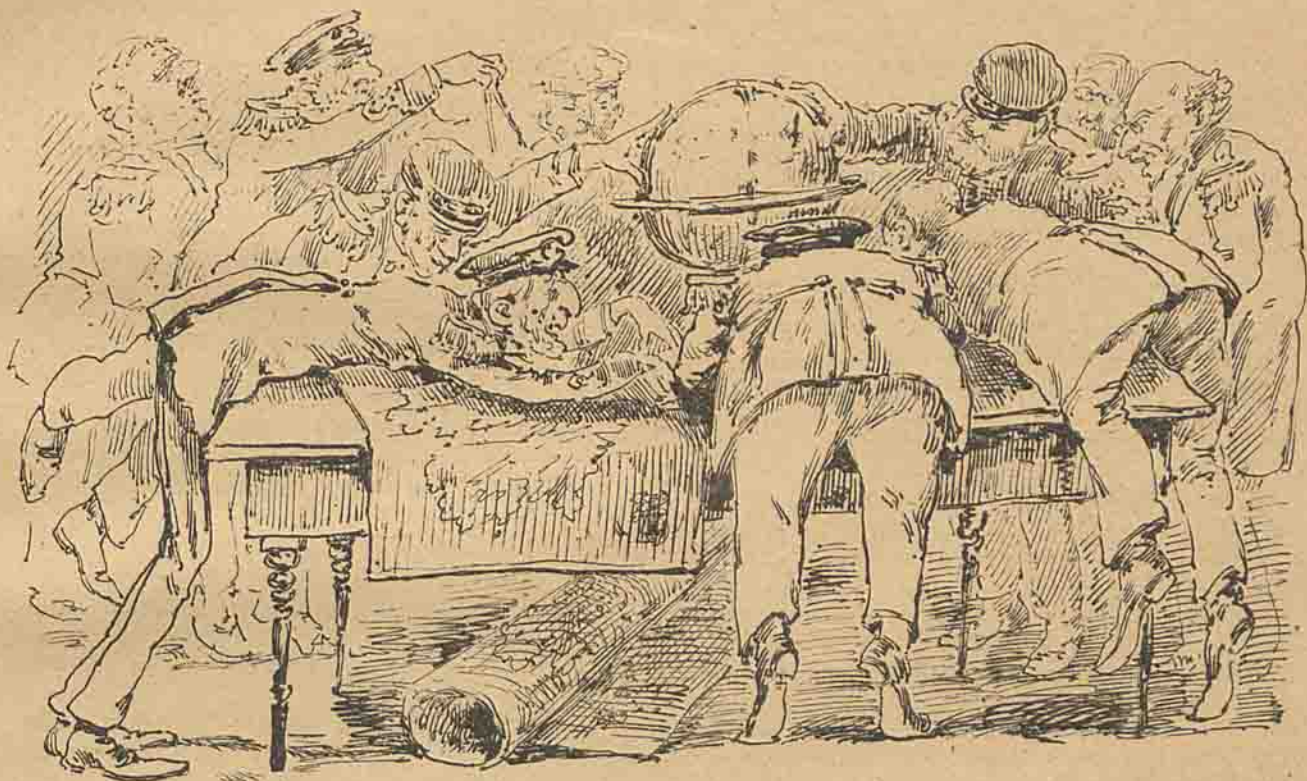


REI CHEGOU!



O conselho superior de marinha, no louvavel empenho de ir ao encontro de S. M. e de ser o primeiro a dar-lhe os «bons dias!» resolve cahir sobre espheras e mappas, estudar o estado do tempo, calcular a marcha da *Afonso d'Albuquerque*, e decidir o seguinte, depois de longa discussão scientifica: que a *Afonso d'Albuquerque* devia chegar á barra na tarde do dia 26.



Como se vê do desenho supra, os calculos não falharam. A *Afonso d'Albuquerque* chegou effectivamente á barra na noite de 25, quando todos dormiam profundamente sobre a certeza mathematica de que ella só chegaria no dia seguinte!...

CHRONICA

A CHEGADA

O facto dominante da semana, foi a chegada de S. M. a Lisboa, annunciada á capital por um numero incalculavel de salvas d'artilleria e por um numero insignificantissimo de foguetes e de lamparinas.

A explicação d'este excesso de tiros de canhão e d'esta pobreza de foguetorio, de morteiros e de illuminações de regosijo, encarregaram-se os jornaes de a dar nos seguintes termos que passamos a transcrever:

«Partiu para o estrangeiro o sr. conde de Burnay»

E nem mais uma palavra. Pois a noticia precisa d'um ligeiro commentario. Vamos nós encarregarmo-nos d'esta suavissima e divertida tarefa.

Ora oiçam:

* *

Desde qua o sr. Fontes é realmente Fontes, isto é, desde que elle é o soberano senhor d'estes reinos de Portugal, Algarves e Amanuenses—que o sr. Burnay é o sr. Burnay, isto é, o individuo apontado pelo famoso Dedo de Deus para ser ao mesmo tempo o nosso tutor e o nosso empregario. Portugal é uma *troupe* de opereta que o sr. Burnay contratou por uma série indefinida de representações.

Nada se tem feito até hoje e nada se pôde fazer sem o sr. Burnay—sem o sr. Burnay ser consultado, sem o sr. Burnay dizer que sim, porque é elle que tem na sua mão a chave da casa dos adereços. O sr. Burnay é que tem tudo na sua mão, em seu poder, na sua casa forte.

Se ha sessões de abertura em S. Bento, com o luxo que todos nós sabemos—é porque o sr. Burnay empresta as fardas do seu guarda-roupa, porque todos os actores de S. Bento estão mais ou menos *empenhados*... em se vestirem no guarda-roupa de S. Ex.ª

Se ha pessoas de boa presença, com papos de pombo e ares de archiduque, passeando em triumpho um bom charuto pelos asphaltos da Baixa—é porque o sr. Burnay tem uma tabacaria.

Se ha carreiras diárias de vapores para Belem, se Cacilhas assiste todos os dias á partida e á chegada de barcos de duas rodas—é porque o sr. Burnay tem vapores.

Se é preciso uma demonstraçõesinha de regosijo, se são precisos foguetes e philarmonicas—é ainda o sr. Burnay quem dispõe de todo o fogo solto e de todo o fogo preso do meu paiz.

O sr. Burnay tem tudo, e é elle que nos dá tudo. Se um dia o seu cerebro fosse atravessado por uma modesta phantasia de sr. Burnay absoluto—nós todos teriamos de cahir a seus pés e aos pés da sua prole, implorando piedade, implorando misericordia!

No momento actual da nossa vida, o sr. Burnay é a unica pessoa que poderia, sem graves despezas de *réclame*, submeter e dominar Lisboa. Uma segunda edição, mais barata, do que fizeram os allemães com o cerco de Paris.

Para isso bastaria o sr. Burnay resolver liquidar. Elle que é senhor de todas as lojas e de todas as industrias, fechava todas as suas portas, e nem mais um genero, nem mais um artigo para o mercado.

E então veriam em Lisboa se as ratazanas não são uns animaes muito apreciaveis, substituindo com vantagem, n'uma cosinha, o coelho, o peru e mais o salmão.

Veriam como as ratazanas haviam de ter preço no mercado!

* *

Haja vista aos ultimos acontecimentos.

O governo de S. M., impensadamente, querendo dar um cheque no sr. Burnay não lhe pedindo a sua cooperação para o regosijo annunciado para o dia 26, quando apparecesse de volta o sr. D. Luiz—o governo, impensadamente, disse por estas ou por outras palavras ao sr. Burnay:

—«Ora vae vêr como se faz uma festa, seu monopolista de festejos! Vae vêr como se queimam foguetes, como se deitam morteiros, como se arranjam baydeiras, e como se põem luminarias. Vae vêr!

E o sr. Burnay chegou a todas as suas lojas, aos seus armazens de fogo preso, de bandeiras de festa, de lanternas e de tigelinhas—e deu uma volta á chave.

E partiu para o estrangeiro!

* *

Insensato governo... O' governo insensato! Quem vos manda metter-vos em festas? Quem vos diz de deitar foguetes? Quem vos aconselha a pôr luminarias?...

Um regosijo qualquer, por muito modesto que elle seja, um regosijo mesmo muito barato, é toda uma sciencia complicadissima, todo um trabalho d'um talento especial. Um regosijo para receber um mau deputado que vae vêr o seu circulo, já não é uma coisa que se encomende a qualquer, é uma coisa que hade apparecer, surgir, rebentar, como que de imprevisto, no dado momento em que a multidão vae abrir a bocca...

Quanto mais para um Rei! E para um rei que chega d'uma viagem de dois mezes por paizes estrangeiros, e vae entrar com uma certa solemnidade na sua patria...

Não, ministerio! Não se inventa, não se encomenda a outrem, esse regosijo.

E' preciso que a girandola suba agora... e d'aqui a bocado o morteiro... e agora mais uma girandola... e depois bandeiras palpitando ao vento, e agora... agora! um hymno, o hymno da carta, por que um outro azedava tudo... e agora! vamos! para a frente! uma repicadella de sinos... vá! mais forte agora!... ó animal! larga fogo a esses morteiros!... ó Manel! agita-me essas bandeiras! Assim... assim, com mais força, para fingir que ha muito vento!... E zás! a bella, a rica, a gorda, a extraordinaria girandola!... E a multidão levanta a cabeça, e olha, e solta um grande AH!... e mais outro... e mais outro...

Ah!... Ah!... AAAHHH!...

* *

E aqui teem a razão, meus senhores, porque o regosijo de domingo não foi com aquella afinação peculiar ao sr. Burnay.

O governo quiz arrelial-o, não se submettendo. E elle partiu para o estrangeiro, deixando o governo a braços com foguetes que não faziam a sua entrada a tempo, com bandeiras que não ondulavam, com luminarias que não luziam.

E se não fosse o discurso da camara municipal e o *Te-Deum* engatilhado do Cabido da Sé, Sua Magestade não teria percebido que tinha entrado. Talvez tivesse antes percebido... que tinha sahido!

E que me dizem ao *Te-Deum* recolhido, a este *Te-Deum* preparado com tanto amor, ensaiado com tanta unção, ensaiado com mais cuidado e mais amor que o proprio *Miguel Strogoff* nos Recreios?

Ah! é verdade que não conhecem a historia. A historia é pequena e é curiosa. Vamos a ella!

* * *

Em todos os tempos, n'estes reinos e suas dependencias, quando um monarcha depois de larga viagem, ou guerra, ou perigosa excursão, voltava á patria, são-sinho como um pêro, tal qual chegou o sr. D. Luiz, era da praxe, além das salvas a que S. M. não poude poupar os seus ouvidos, além do pallio e dos discursos que S. M. não poude evitar—era da praxe o rei de Portugal, em passo de magica, philarmonica atraz, philarmonica adiante, dirigir-se para a Sé de Lisboa, e ahi lamber-se com um d'estes *Te-Deum* que ficam gravados, pela estopada, na memoria dos homens até ao dia do Juizo.

Ora quando se annunciou a proxima chegada de el-rei, não lhes conto nada! — aquillo todo o cabido da Sé se pôz em movimento, a limparem as nodos da farpelinha encarnada de ver a Deus, a brunirem os sapatos, a escanhoarem os queixos, e em S. Vicente, Sua Eminencia dava que fazer aos do seu sequito, ensaiando attitudes, gestos, voz, o diabo! — com perdão de Sua Eminencia!

* * *

Até que appareceu o programma do governo para o dia 26. E nada de *Te-Deum*! Já viram um tal ministerio? E isto n'um paiz profundamente catholico, apostolico, romano...

E Sua Eminencia deita a correr para o ministerio do reino. E depois de ter atravessado um grupo de 15.524.727 amannuenses, entre os quaes se achavam 18.622.333 senhores primeiros officiaes, eis que se aproxima do ministro, e com voz tremulá e indignada assim lhe brada:

— Quando, oh ministro! quando em terras de D. Nuno Alvares Pereira, em terras que o Prior do Crato, D. Antonio, varias vezes pisou; quando, oh ministro! quando em paiz de Gamas e Albuquerque um rei entrou em seus estados, sem apanhar pela prôa com um *Te-Deum* de bota abaixo? Quando, oh quando?...

A penna e o lapis recusam-se a descrever o estado em que ficou o sr. José Luciano, depois d'uma tal pergunta. Sua Eminencia queria para ali o seu *Te-Deum*, custasse o que custasse, queria o respeito pela praxe, a obediencia á tradicção.

Mas o monarcha chegava na manhã seguinte, ou antes, o monarcha já tinha chegado (outra historia!) e não havendo nem espaço nem tempo para mais outro artigo no programma, confiou-se o resultado da pen-dencia á boa vontade de Sua Magestade.

E Sua Magestade vendo que um ministro esque-cera a praxe, faltára á tradicção faltando com o *Te-Deum*, Sua Magestade ouvido pela primeira vez n'uma cousa a que elle tinha de se submeter em silencio, fez o que todos nós fariamos:

— Cocheiro! Para o paço d'Ajuda!...

E adeus *Te-Deum*! E adeus cabido da Sé!...

Nunca Sua Magestade teve tanta graça. E nunca a Sé se pôz tão fula!...

E a ultima historia d'esta pittoresca chegada, e esta assembleia dos homens mais experimentados e mais scientificos em assumptos maritimos, enterrados em calculos, em problemas transcendentés, para marcarem o momento exacto da chegada á barra da *Afonso d'Albuquerque*, e d'isso prevenir o ministerio que, de casaca em punho, esperava o momento em que devia cahir nos braços d'el-rei.

Como sabem, os calculos, as mathematicas, não estiveram á altura da gravidade das circumstancias. Tudo falhou. A *Afonso d'Albuquerque* entrou na vespera do dia marcado, e S. M. poude vêr de perto como effectivamente dorme a policia do seu porto, mesmo quando um rei está para chegar.

Porque a *Afonso d'Albuquerque* passou horas e horas dando signaes para terra, empregando o porta-voz, o morteiro, o sino d'alarme, os foguetes e os tiros de canhão—e nada!

São Julião dormia a somno solto. Cascaes, depois d'uma partida de *baccarat* no club, acabava de pegar no somno. E nada! E a *Afonso d'Albuquerque* a dar signal de si, a chamar por soccorro. E nada!...

Até que Sua Magestade tomou a heroica resolução de mandar descer uma lancha, de n'ella se embarcar, de mandar remar para terra, e de gritar aos ouvidos de Cascaes adormecida:

— Aqui estou!

E Cascaes voltou-se para o outro lado, fallando entre dentes:

— Qual estou, nem qual diabo! Nada de chalaças!

— O' patria, acorda! Sou eu, eu mesmo, que acabo de chegar d'esses paizes por onde andei.

— Mau! Nada de brincadeiras, ou chamo a policia! Deixe dormir quem dorme, porque Sua Magestade só chega amanhã.

— Acorda, Cascaes! Repara em mim. Sou eu, o teu senhor. Cheguei agora.

— Olhe, sabe que mais? Boas noites!

E Cascaes começou a resonar, de papo para as estrellas, como um senhor abbade. E como a noite estivesse fria, Sua Magestade voltou para o seu beliche, esperando a manhã, esperando que o seu paiz se dignasse abrir-lhe a porta.

* * *

Nós não ousamos profundar o que se passou no espirito de Sua Magestade, durante essa noite em que que não quizeram abrir-lhe.

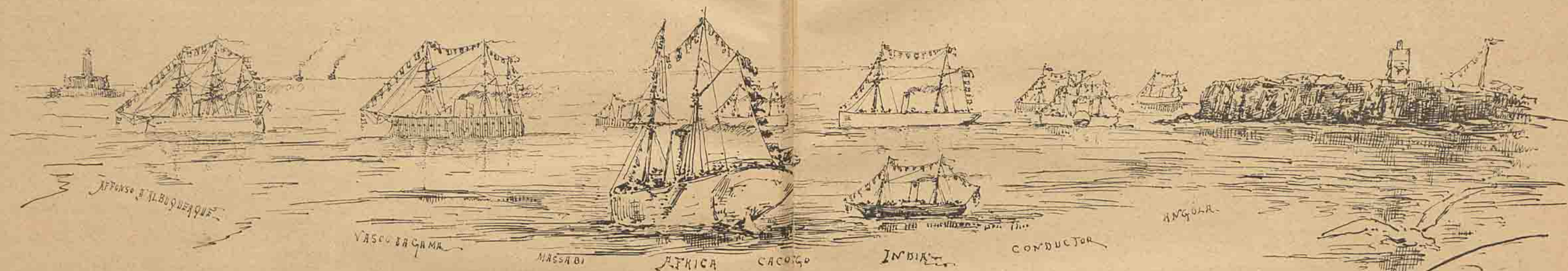
O sonho d'um rei, á entrada da barra, em frente da sua capital que resona e de Cascaes que lhe não dá ouvidos, deve ser uma coisa bem tetrica na verdade...

Todo o rumor d'um paiz donde se está afastado ha dois mezes, vindo até aos seus ouvidos em ondas confusas, murmurando disparates, coisas assombrosas misturadas nas revoluções do vento — uma pagina de philosophia de Cunha Seixas, um solo de cornetim d'Albeto Pimentel e um discurso do Mudo d'Alcantara!

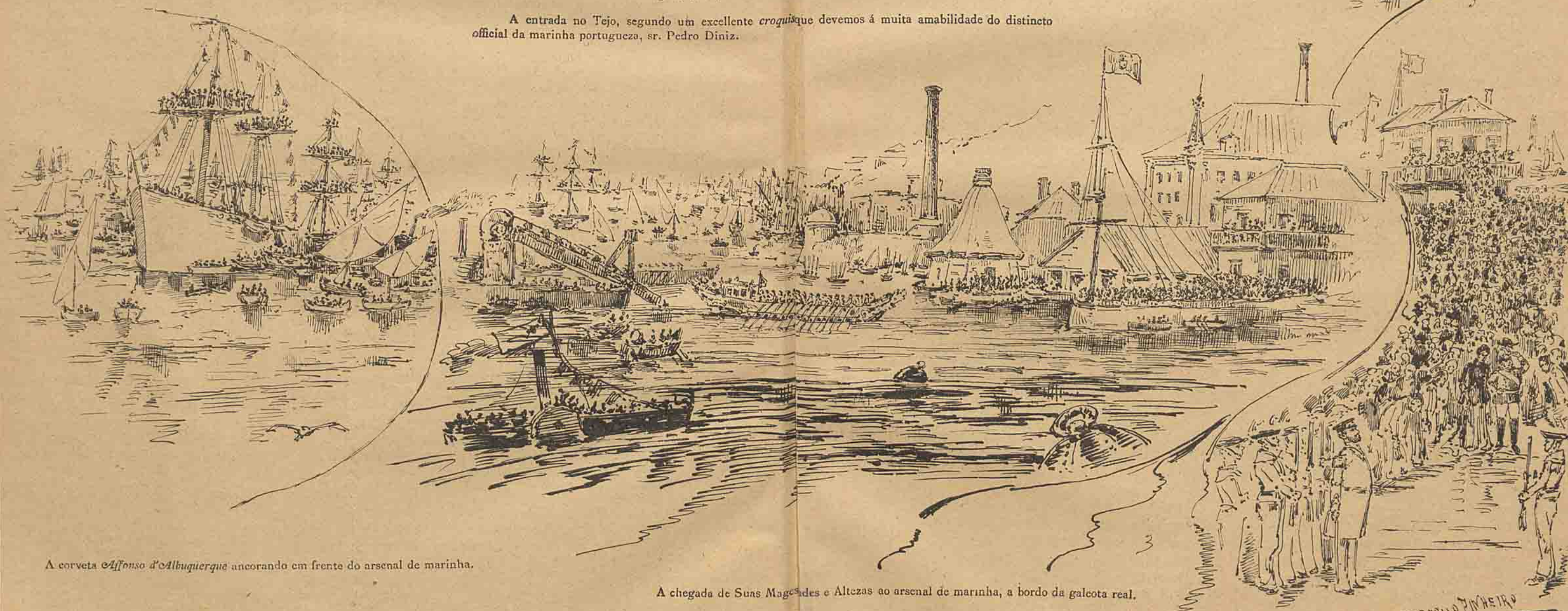
E o vento trazendo sempre o rumor de novos disparates—o sr. Magalhães Lima imperador de Portugal e das Indias; a *Associação 1.ª de Dezembro* vendida aos hespanhoes; e o sr. Fontes em côro com o sr. Arrobos e o sr. Cardeal Patriarcha—assobiando a *Marse-lheza*!

E o sonho, e o pesadello tornando-se cada vez mais tetrico e mais cruel; e a noite a continuar sem fim; e Sua Magestade á porta do seu paiz a tocar a campainha, e ninguem, nem mesmo a heroica Cacilhas, para lhe puxar o trinco!

A CHEGADA DE SUA MageSTADE



A entrada no Tejo, segundo um excellent croquis que devemos á muita amabilidade do distincto official da marinha portugueza, sr. Pedro Diniz.



A corveta Affonso d'Albuquerque ancorando em frente do arsenal de marinha.

A chegada de Suas Magestades e Altezas ao arsenal de marinha, a bordo da galcota real.

A sahida do arsenal de marinha.

PHILIP BORDALLO PINHEIRO



UM PROLOGO REAL

O illustre viajante tenciona publicar em breve o seu diário de viagem, todas as sensações e impressões recebidas desde a sua saída da barra até á sua entrada em Lisboa, por entre os vivas e o foguetório d'uma cidade que queria ter o ar de estar delirante.

E como todos os senhores já sabem que os *Pontos nos ii* se venderam, e que nós estamos comendo, fumando, bebendo e gosando as verbas secretas de todos os ministerios—nós julgamos muito mais logico desafivelar a mascara de negra hypoerisia que nos assombrava a frente, e mostrarmos que sim, que estamos completamente vendidos.

E tão vendidos, que de todos os jornaes monarchicos os *Pontos nos ii* é o unico que recebeu das proprias mãos do auctor o real prologo inedito do real proximo livro de reaes viagens que vão lêr.

E' o que em seguida transcrevemos:

PROLOGO

(AOS OUTROS SOBERANOS DA TERRA)

«O sair a barra, reaes collegas meus, foi para mim, para todo o meu ser real, d'um intraduzivel allivio, d'um inexplicavel prazer. Nunca as aguas do mar me pareceram tão beneficas, e eu que estava acostumado ás de Vidago, chorei longas horas o tempo perdido e o figado sempre defeituoso.

«Apenas a corveta deixou para traz a torre de S. Julião, e mais Cascaes, e o Tejo de crystal, e todo o ministerio, e eu me convenci de que effectivamente estava livre de tudo isto por algumas semanas—sentí rejuvenescer-me. Sentí que uma nova vida me circulava nas veias. E ambicionei o exilio...

«Talvez que o não acreditem. São tantos os que me invejam! São tantos os que me combatem! Mas é uma fatalidade ter-se nascido para reinar! Ser rei é ser tudo, e é não ser coisa alguma. Ser rei é querer... quando as leis o tenham querido. Ser rei é uma estopada!

«E tudo isto eu pensava em silencio, enquanto que o navio que me levava a seu bordo, deixando aguas de Portugal, caminhava a todo o vapor para as costas de Inglaterra.

Porque não se dirigia elle antes para as costas de França, porque não fomos nós antes aportar a Bordéas?...

«Porque sou rei! Porque sendo tudo no meu paiz, porque os jornaes dizem em artigos de fundo que eu sou o primeiro cidadão, porque o sou, não tenho o direito, como qualquer mortal, como o mais humilde dos meus subditos, de fazer as minhas malas, e ir saborear um charuto para a Avenida dos Campos Elyseos.

«Aqui está para que me serve ser rei. Para, em cada terra que eu visitar, ter um exercito na minha frente, varias bandas marciaes, varios banquetes estopantes, varios discursos, a cada passo uma deputação qualquer de qualquer coisa, uma nova condecoração, e um novo diploma d'alguuma sociedade que muito se honra em que eu, etc.

«E todos os meus collegas estavam tão fartos d'isto tudo como eu; e todos elles me lembravam o mundo de S. Carlos, os figurantes vestidos d'imperadores e de papas uma noite inteira, esperando ansiosamente

pelo final da opera, para mandarem ao diabo tanta honra e tanto fausto.

«E todos os meus collegas estavam tão fartos de tudo isto como eu!... O que nós ambicionavamos sempre, era o fim de todas as caçadas, de todos os banquetes e de todas as revistas — e conversarmos a sós, rirmos a sós, lamentarmo-nos a sós d'esta fatalidade de vida em que vivemos, de braços atados pelas respectivas constituições, sem darmos ouvidos á nossa vontade, sem podermos dizer que sim aos nossos appetites e ás nossas phantasias.

«E a verdade é que n'esta desgraça real em que vivemos, eu ainda me considero o mais feliz de todos os meus collegas. Bem sei que não é divertido abrir as côrtes em janeiro, ouvir constantemente Fontes dizer mal do partido de José Luciano, José Luciano dizer mal do partido de Fontes, Magalhães Lima annunciar todos os dias cataclismos que nunca chegam, ter de condecorar brasileiros que não sabem ler, de nomear condes e duques individuos cuja orthographia deixa muito a desejar, ter de receber quando me apeteceia não receber, ter de dançar quando me apeteceia não dançar—Bem sei tudo isto, e ainda sei muito mais que eu calo em meu peito...

«Pois tudo isto é zero ao lado do que eu vi e do que eu vou contar. E apesar de tudo isto ser zero, acreditem que é duro o officio de rei. Ter sempre na sua terra, em volta de si, um partido descontente por que está na opposição. Quando não estão dois! E nem em terras estrangeiras ter uma pessoa o direito de ir para onde quer.

«Eu por mim teria querido ir até Paris, Vi muitas capitães, vi muitas cidades. E justamente por que me não deixaram ir a Paris, porque esta ideia me trotava dia e noite no cerebro, é que eu quiz ver mais capitães e mais cidades.

«E tudo isto eu teria trocado por uma noite de Theatro Francez ouvindo Molière; por uma noite da Opera ouvindo o *Sigurd*; por uma tarde do Bosque de Bolonha em simples *remise* de particular; e por um jantar no *Café Inglez*, no mesmo *grand seigneur* onde meu primo, o Principe de Galles, tem deixado varios capitulos da sua biographia.

«Era Paris que me attrahia de todos os laços, que me seduzia, que me chamava. Cheguei a estar quasi as portas de Paris, a ouvir palpar Paris mais claramente do que o ouvem os marselezes. Cheguei a estar a cinco horas de Paris, em Bruxellas.

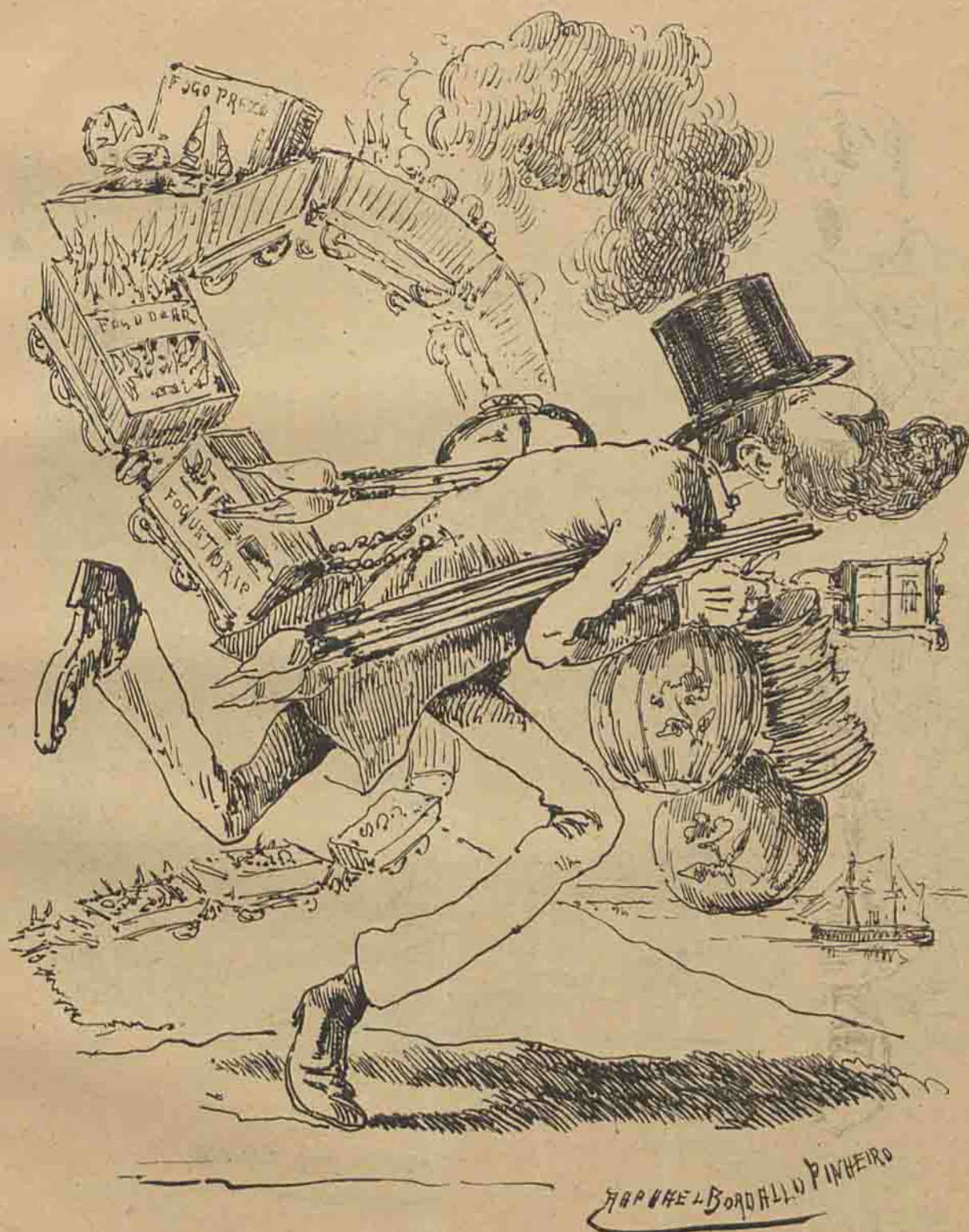
«Mas sou rei. E a politica disse-me: «Não vás a Paris!» E eu tive desejos de mandar a politica de presente ao diabo. Mas curvei-me... e não fui a Paris!

«E é por isso que eu entro no meu paiz com certa tristeza e certa melancholia. E que eu hoje escrevo estas linhas invejando a sorte de todos aquelles que são independentes, que viajam e que voltam sem serem assaltados ao desembarque do vapor por uma camara que vos dispara um discurso e por um clero que vos aponta com um *Te-Deum*!

Por copia conforme

X. X. X.

COMO ELLES SE VINGAM!



A verdadeira razão da partida do sr. Burnay, segundo informações dignas de todo o credito, foi esta —foi levar comsigo para fóra da fronteira todos osapparelhos de regosijo de que um paiz pode dispôr, para fazer constar ao seu rei de que effectivamente a sua alma e os seus olhos transbordam de foguetes e luminarias ao vê-lo chegar á patria, tão nedio, tão risonho e tão bem parecido...

O TE-DEUM ENGATILHADO



...E ao sahir toda a cõrte do arsenal de marinha, um formidando estrondo atroou os ares: E a multidão a tremer voltou-se, e pelo espaço alastrava-se a fumaça alatinada d'um *Te-Deum*, disparado pelo cabido da Sé.

...E toda a cõrte a fugir para os lados da Ajuda!